

Livro de poemas

Quinhentismo 1500

Jesus na manjedoura

- Que fazeis, menino Deus, Nestas palhas encostado?
- Jazo aqui por teu pecado.
- Ó menino mui formoso, Pois que sois suma riqueza, Como estais em tal pobreza? - Por fazer-te glorioso E de graça mui colmado, Jazo aqui por teu pecado.
- Pois que não cabeis no céu, Dizei-me, santo Menino, Que vos fez tão pequenino?
- O amor me deu este véu, Em que jazo embrulhado, Por despir-te do pecado.
- Ó menino de Belém, Pois sois Deus de eternidade, Quem vos fez de tal idade?
- Por querer-te todo o bem E te dar eterno estado, Tal me fez o teu pecado.

Barroco 1601

Inconstância das coisas do mundo.

Nasce o Sol e não dura mais que um dia,

Depois da Luz se segue a noite escura,

Em tristes sombras morre a formosura,

Em contínuas tritezas e alegria.

Porém, se acaba o Sol, por que nascia?

Se é tão formosa a Luz, por que não dura?

Como a beleza assim se transfigura?

Como o gosto da pena assim se fia?

Mas no Sol, e na Luz falta a firmesa,

Na formosura não se dê constancia,

E na alegria sinta-se a triteza,

Começa o mundo enfim pela ignorância,

E tem qualquer dos bens por natureza.

A firmeza somente na incostância.

Gregório de Matos

Arcadismo 1768

Se é doce no recente, ameno Estio Ver tocar-se a
manhã de etéreas flores, E, lambendo as areias e os
verdores, Mole e queixoso deslizar-se o rio;

Se é doce no inocente desafio Ouvirem-se os voláteis
amadores, Seus versos modulando e seus ardores
Dentre os aromas de pomar sombrio;

Se é doce mares, céus ver anilados Pela quadra
gentil, de Amor querida, Que esperta os corações,
floreia os prados;

Mais doce é ver-te de meus ais vencida, Dar-me em
teus brandos olhos desmaiados. Morte, morte de
amor, melhor que a vida.

Romantismo 1836

O amor romântico é como um traje, que, como não é eterno, dura tanto quanto dura; e, em breve, sob a veste do ideal que formamos, que se esfacela, surge o corpo real da pessoa humana, em que o vestimos. O amor romântico, portanto, é um caminho de desilusão. Só o não é quando a desilusão, aceite desde o princípio, decide variar de ideal constantemente, tecer constantemente, nas oficinas da alma, novos trajes, com que constantemente se renove o aspecto da criatura, por eles vestida.

Realismo 1881

Livros e flores

Teus olhos são meus livros.

Que livro há aí melhor,

Em que melhor se leia A página do amor?

Flores me são teus lábios.

Onde há mais bela flor,

Em que melhor se beba

O bálsamo do amor?

Simbolismo 1893

Cantem outros a clara cor virente

Cantem outros a clara cor virente Do bosque em flor
e a luz do dia eterno... Envolto nos clarões fulvos do
oriente, Cantem a primavera: eu canto o inverno.

Para muitos o imoto céu clemente É um manto de
carinho suave e terno: Cantam a vida, e nenhum deles
sente Que decantando vai o próprio inferno. Cantem
esta mansão, onde entre prantos Cada um espera o
sepulcral punhado De úmido pó que há de abafar-lhe
os cantos...

Cada um de nós é a bússola sem norte. Sempre o
presente pior do que o passado. Cantem outros a vida:
eu canto a morte...

Pré modernismo 1902

Canto de regresso à pátria

Minha terra tem palmares Onde gorjeia o mar

Os passarinhos daqui

Não cantam como os de lá

Minha terra tem mais rosas

E quase que mais amores

Minha terra tem mais ouro

Minha terra tem mais terra

Ouro terra amor e rosas

Eu quero tudo de lá

Não permita Deus que eu morra

Sem que volte para lá

Não permita Deus que eu morra

Sem que volte pra São Paulo

Sem que veja a Rua 15

E o progresso de São Paulo.

Modernismo 1922

Cidade

Foguetes pipocam o céu quando em quando

Há uma moça magra que entrou no cinema

Vestida pela última fita

Conversas no jardim onde crescem bancos

Sapos

Olha

A iluminação é de hulha branca

Mamães estão chamando

A orquestra rabecoa na mata